

Centro de Estudos: a experiência de Porto Alegre

Numa junção de esforços dos D.A.s da Face- UFMG e Comunicação da PUC, o Cefip-MG trouxe a Belo Horizonte o jornalista Daniel Herz. Autor de a história secreta da Rede Globo (Tchê) - 1985), atualmente coordena os trabalhos da Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Porto Alegre – Gestão Olívio Dutra/PT. Além disso, foi professor e chefe do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina em meados dos anos 80 (período em que obteve o título de mestre pela UnB, com a defesa de tese sobre a conformação do sistema de comunicação no Brasil) e, na época da Constituinte, destacou-se como um dos principais articuladores da Frente Popular por Políticas Democráticas de Comunicação.

Este perfil permitiu sua participação nos debates A problemática do monopólio dos meios de comunicação de massa no

país - uma transposição para o momento da campanha eleitoral 89, como parte das Calouradas da Face ,e A administração petista em Porto Alegre - um planejamento para o setor de comunicação, com os estudantes da PUC. Daniel esteve também no PT estadual reeditando o painel sobre as atividades da Secretaria de Comunicação da capital gaúcha, agora para profissionais dá área.

No Cefip, participou do Seminário Comunicação/cultura/práxis (promovido pelo grupo de estudos de comunicação), onde buscava-se tanto problematizar os pressupostos que devem nortear uma abordagem satisfatória da comunicação, como a metodologia capaz de imprimir uma dinâmica adequada aos trabalhos. Como membro da coordenação ,do Cefip-RS) falou sobre a experiência gaúcha, os acúmulos e dificuldades que inscrevem a trajetória da entidade.

BOLETIM – Como você caracterizaria o estágio em que se encontra o Centro de Estudos de Porto Alegre?

D. Herz – O Cefip surgiu num momento de impasse, isolamento, acentuando a consideração que deve ter a teoria para a atividade intelectual e política contemporaneamente. Essa experiência, numa primeira fase, foi marcada por um esforço: a aglutinação da militância política em torno do reconhecimento dessa importância. Isso foi traduzido em alguns cursos, basicamente dois. Um que se definiu como “**Introdução ao pensamento marxista**” e outro de “**Estudos Básicos sobre o Marxismo e a Realidade Contemporânea**”. O resultado foi muito positivo porque aglutinou pessoas que tinham essa preocupação e recolocou, no plano da militância política, a necessidade do desenvolvimento da teoria, particularmente da filosofia, como possibilidade de identificação de pressupostos fundadores para a ação e definição de perspectivas para a construção de uma nova sociedade e de um novo homem.

Superada essa fase de cursos, o Cefip de Porto Alegre teve um período de inatividade, em decorrência de requisições agudas no campo da política durante a campanha de 88 e, posteriormente, com a vitória da administração popular em Porto Alegre. Isto fez com que os principais quadros atuantes no Cefip se voltassem para as exigências políticas que o processo estabelecia. E, após quase um ano de paralisação (um ano em que os quadros desenvolveram intensa atividade política) se reconhece, mais do que nunca, a necessidade de desenvolvimento da teoria, de um espaço para o desenvolvimento da teoria e da filosofia, visto que a lógica das coisas, que a política também engendra (e que pode fazer com que a política também seja uma atividade alienada), coloca perspectivas um pouco mais claras e adequadas tanto às necessidades políticas como as necessidades de investigação da realidade humana.

Nós entendemos que hoje existem três finalidades que podem ser atribuídas a um Centro de Estudos desse tipo. Em primeiro lugar, ele tem que se constituir desse sentido fundador, ser um espaço propício ao desenvolvimento da teoria em geral e de indivíduos dotados de autonomia intelectual. Uma segunda finalidade é fazer com

que esse desenvolvimento teórico, essa criação da autonomia intelectual dos indivíduos não se isole do contexto da luta social dos movimentos que nós vivemos. É importante que essa produção resulte na agregação não só de pesquisadores, intelectuais especificamente do nosso campo, como também de todos os intelectuais dispostos a contribuir com essa finalidade: o desenvolvimento teórico dos indivíduos com autonomia intelectual. Mas, para que isso não fique isolado do contexto da luta política que vivemos, é fundamental que o Centro (e é essa a perspectiva que nós estamos adotando em Porto Alegre) passe a ser uma base de formação para militantes, pesquisadores e intelectuais que atuem na formação de quadros para o Partido político que traduz de forma mais clara nossa perspectiva de construção de uma linha revolucionária na sociedade brasileira – o PT. Formar quadros que contribuam para o desenvolvimento político e a disseminação da teoria no âmbito do PT é outra finalidade fundamental para um esforço como o nosso através do Cefip. Um terceiro objetivo – esse mais direto e delimitado já no âmbito da nossa tendência, do nosso campo – é o desenvolvimento de uma revisão crítica do Marxismo ortodoxo e de todas as suas formas de manifestação. Nesse sentido, é preciso delimitar objetivos de estudo que tratem sistematicamente desse assunto, dessa visão crítica do Marxismo e enfrentamento do Marxismo ortodoxo em particular.

Esses três objetivos marcam não só a constituição autônoma do Centro (de seu objetivo de estudo e de seus objetivos pesquisados), mas também uma integração profunda com o contexto político e as necessidades políticas que temos para nos credenciarmos e qualificarmos como indivíduos não só contemplativos, especulativos, mas também transformadores da realidade social num país como o Brasil.

BOLETIM – Além das dificuldades colocadas pelas demandas que carecem de respostas imediatas da política (você colocou o exemplo da disputa pela Prefeitura de Porto Alegre), quais são as dificuldades que vocês têm enfrentado na construção desse

Campo teórico não-ortodoxo, capaz, de refletir, de repensar esses pressupostos do Marxismo e até mesmo o desenvolvimento teórico e a capacitação intelectual desses indivíduos?

D. HERZ – Em primeiro lugar é preciso uma postura humanista em relação a realidade, uma abertura de espírito em relação às problemáticas com que nos defrontamos e que marcam contemporaneamente não só a crise do Marxismo, mas uma crise do conhecimento humano. É o conhecimento humano que está se debatendo numa crise de pressupostos e não apenas o Marxismo. Em segundo lugar, a consciência da importância política, ainda que de uma forma indireta, desse processo; a consciência que pode atribuir o verdadeiro sentido a essa dedicação que o desenvolvimento da teoria exige. Afinal, o desenvolvimento da teoria precisa de um esforço especial e uma dedicação que merecem ser enquadrados dentre as prioridades políticas. Por isso é muito auspicioso ver este esforço e esta dedicação que vocês têm aqui em Belo Horizonte, no Cefip de Minas Gerais.

Um terceiro ponto é a identificação pragmática das dificuldades que a modernidade



impõe ao desenvolvimento da teoria. A complexidade das relações sociais, a dinâmica da chamada vida moderna faz com que todos nós vivamos com um nível de stress. Tudo contribui para a desagregação da vontade humana. A lógica das coisas se impõe de uma tal forma que hoje, com meios extraordinários de desenvolvimento do conhecimento e da teoria, temos também forças extraordinárias (alimentadas por esta lógica das coisas) que degradam nossa vontade. A gente pode facilmente xerocar um material ou, por telefone, ter uma conversa. Ou seja, nós temos meios disponíveis para que as coisas sejam facilitadas, mas também enfrentamos dificuldades que vão desde o deslocamento físico de passar horas em ônibus até o apelo dispersivo da TV. Enfim, são muitas as dificuldades que a modernidade impõe ao desenvolvimento da teoria. É preciso uma vontade gigantesca para superar essas pressões e o stress que é inerente a essa vida agitada, complexa. E esse fator tem que ser objeto de uma preocupação específica.

A própria dinâmica – metodologia de trabalho – tem que considerar o tipo de indivíduo que existe, que vai se envolver nisso. Tem que considerar esse tipo de dificuldade e o fato de que a absoluta maioria, senão todas as pessoas que vão se envolver nesse processo, tem que se dedicar a outras atividades e que essa é uma atividade complementar. Isso, que é um elemento de dificuldades, mesmo para aquelas pessoas que se dedicam profissionalmente à pesquisa, faz com que seja necessário criar nos seres humanos “normais” – nós, que temos que trabalhar e circular pelo trânsito caótico da cidade – condições favoráveis.

BOLETIM – Ao explicitar os objetivos do Centro, você deu uma certa ênfase ao papel da autonomia intelectual. Como você concebe essa autonomia intelectual e como poderíamos caracterizar esse processo de formação?

D. HERZ – Autonomia intelectual significa instrumentalizar o indivíduo com categorias, conceitos que sejam capazes de explicar pelo menos minimamente, a realidade, possibilitando a esse indivíduo ser capaz de se orientar, entender o movimento da realidade humana, como ela se cria, para que ela crie, para que ele possa ser efetivamente um sujeito e não um objeto do processo social. E que eles sejam capazes não só de se orientar diante da realidade com

certezas, mas também serem imbuídos de um permanente espírito de dúvida, de questionamento, e que esse conhecimento que vai permitir que ele se oriente, que intervenha nessa realidade, não se cristalice em formas dogmáticas de conhecimento, em métodos que esterilizem sua capacidade de especular, investigar e de agir sobre o mundo. Assim, indivíduos dotados de autonomia intelectual são indivíduos capazes de se orientar em cima de idéias e também de, permanentemente, questionar essas idéias. Com relação ao processo de formação dessa autonomia intelectual, se há, nós não chegamos a ter acesso e nem a formular isso. Acredito que isso precisa ser formulado. Essa noção de indivíduo com autonomia intelectual, que está muito longe de ser um conceito, precisa de uma metodologia apropriada, ou pelo menos um modo favorável para que se chegue a isso. E um desses métodos é fazer com que os indivíduos percebam quanto é produtiva essa evolução; ou seja, dar constantemente um retorno, ver que o movimento que se faz na teoria tem reflexos diretos na realidade e no modo dele perceber a vida e viver. Perceber o efeito que tem o conhecimento, uma percepção adequada da realidade sobre todas as esferas da vida – na política, na vida pessoal, no relacionamento com indivíduos. Enfim, dar um constante retorno do significado desse esforço para a vida parece-me uma maneira de se traduzir a importância de favorecer o desenvolvimento da teoria. Temos que demonstrar o quanto essa conquista é capaz de enriquecer e dar sentido à vida.

BOLETIM – Como os objetivos traçados pelo Cefip-RS se articulam com a realização de determinadas atividades que propiciam o desenvolvimento e a investigação dessas problemáticas identificadas com relação aos pressupostos do Marxismo, ou mesmo em relação ao desenvolvimento intelectual e à capacitação dos indivíduos? Como foi a organização dessas atividades; que tipo de atividades foram priorizadas? Qual é uma primeira avaliação dessas atividades (se é possível fazer), os problemas enfrentados e as possibilidades de superação?

D. HERZ – Essa precisão dos objetivos que eu defini aqui e que devem orientar a próxima fase do Cefip de Porto Alegre não estava tão clara no início. A primeira fase

foi, de fato, experimental, em que se pauteou as atividades num certo sentido acadêmico, até certo ponto, propositalmente. Nós queríamos testar a sensibilidade das pessoas e também a nossa capacidade de produzir um conhecimento crítico e de traduzir isso que se faz nas discussões assistemáticas num processo sistemático de discussão. A finalidade das aulas não era, portanto, reproduzir um conhecimento pronto, mas reproduzir os questionamentos, as dúvidas e algumas hipóteses sobre determinadas questões temáticas e, a partir daí, sensibilizar indivíduos para isso. Então, o processo assumiu, numa fase experimental, um certo sentido acadêmico.

Hoje, a nossa visão sobre isso e a precisão desses três objetivos – criar um espaço para a consciência, socializar isto aí através do PT, tentar contribuir para que esse esforço não se isole em determinado grupo, mas que ele se socialize e fertilize com um debate mais amplo e, também, que ele contribua com uma crítica mais profunda do Marxismo – pode se traduzir de forma mais produtiva numa outra organização dos trabalhos, que é a criação, tal qual vocês tem aqui, de grupos ou núcleos de estudos temáticos. Estes devem estar relacionados, necessariamente, a pelo menos um grupo que vai se voltar para a filosofia, numa dinâmica e numa intimidade com os grupos de questões temáticas (por exemplo, Comunicação, Ciências Políticas), e fazer com esse trabalho, que é um trabalho mais interno, se articule com o trabalho externo, de disseminação, de abertura do Centro. Seja através do PT diretamente, que deve ser um alvo importante para que se socialize esse espírito e esse esforço, ou de setores da sociedade civil (intelectuais, sindicalistas, movimento popular), enfim, setores onde possamos diretamente ou de uma forma traduzida disseminar essas preocupações a esses questionamentos. Essa articulação entre o trabalho interno e externo (esse trabalho mais de disseminação e socialização desse espírito das hipóteses e questões que são levantadas) são duas dimensões importantes, destacando-se no âmbito interno o reconhecimento de que nós vivemos uma crise de pressupostos, faz com que, necessariamente, tenhamos que destacar a importância de um esforço específico que se articule com as abordagens temáticas, num esforço de investigação, de desenvolvimento da teoria num sentido mais amplo e, particularmente, da filosofia.

Planejamento 90



Como parte do planejamento das atividades do Cefip para o ano de 1990, a Diretoria da entidade aprovou a realização de um Ciclo de Debates sobre o Leste Europeu e de um curso de estudos básicos do marxismo. As duas atividades, juntamente com os grupos de estudos de temáticas específicas, se constituem nos aspectos principais da política de formação programada para 1990. O ciclo de debates está inicialmente previsto para a 2ª quinzena de maio. Maiores informações sobre as atividades do Centro e o planejamento desse ano podem ser obtidas na sede da entidade.

I CURSO DE ESTUDOS BÁSICOS DO MARXISMO	
OBJETIVOS	fornecer subsídios históricos e conceituais para o estudo básico do marxismo
ÁREAS TEMÁTICAS	filosofia, temas básicos e política
Nº DE VAGAS	30
PERÍODO DURAÇÃO	26 de março a 25 de junho
HORÁRIO	todas as segundas-feiras, de 19 às 21 e 30 h.
INSCRIÇÕES	de 01/03 a 19/03 na sede do Cefip, de 14 às 20 horas
TAXA	20 BTNF para sócios e 25 BTNF para não sócios da entidade
Interessados poderão adquirir programa completo do curso constando expositores das aulas, bibliografia, conteúdo programático detalhado etc. na sede da entidade.	